

Cópia

Ao

Dr. Augusto Sussekind de Moraes Rego

Rio de Janeiro - Guanabara

Se eu morrer, como as forças de segurança do Governo insistem em insinuar, quero esclarecer alguns fatos relacionados comigo desde 5/5/71, quando fui presa pelos agentes governamentais.

De 5/5/71 a 11/8/71 estive incomunicável, proibida de manter contato com familiares ou advogados e sem que se desse ciência de minha prisão à Justiça.

No cativeiro torturaram-me física e mentalmente, até o dia em que me entregaram à minha família, em precárias condições de saúde, traumatizada psicologicamente.

Na prisão, tentei o suicídio para escapar das perversidades de meus carcereiros e para fugir das ameaças de morte lenta e de violências contra meus parentes.

Em 12/8/71, com pleno conhecimento das autoridades militares de Belo Horizonte, fui internada, para tratamento, na Clínica Pinel e depois na Casa de Saúde Santa Maria, onde me encontro presentemente, sob cuidados médicos e vigiada por agentes de segurança.

Em razão das torturas de que fui vítima, fui examinada e tratada por médicos psiquiatra, clínico geral e ginecologista.

Tenho sido visita periodicamente por agentes de segurança do Rio de Janeiro (GB) que se apresentam com nomes falsos porém com conhecimento e autorização do Comandante da ID-4, General Everaldo José da Silva, que insistem para que eu me torne uma colaboracionista, em troca de minha liberdade, por dinheiro e com ameaças sobre meus familiares.

Pelos fatos por que passei durante o meu cativeiro, onde fui torturada e vi companheiros sofrendo e morrendo e pelas conversas que mantenho com os agentes secretos que me visitam, tenho motivos para acreditar que os meus carcereiros pretendem me eliminar, falseando a maneira e as razões de minha morte.

Meus carrascos afirmaram que "me suicidariam" na prisão, caso eu revelasse os fatos que ouvi, vi e que me contaram durante os três meses de minha prisão, pois reconhecem que "sei demais".

Querem que eu morra "naturalmente", sem que sejam responsa

14.1.16.51

*Moraes*

bilizados pela morte que me impingirem.

Assim, caso venha a falecer nas seguintes circunstâncias:

- 1) suicídio na prisão ou em qualquer outro local;
- 2) tiroteio contra subversivos (estouro de "aparelhos" etc), onde eu figure seja como terrorista, seja como agente do Governo;
- 3) "justiçamento" (morte) por pessoas ligadas a atividades políticas contrárias ao Governo;
- 4) acidentes, atropelamentos etc;
- 5) fuga de qualquer local onde me encontrar;

declaro que terei sido assassinada pelas forças policiais militares, pois:

- 1) não me suicidarei em qualquer circunstância;
- 2) não participarei de qualquer ação policial-militar contra quem quer que seja, nem estarei em "aparelhos" estourados, por livre e espontânea vontade;
- 3) não existe nenhuma razão para o meu "justiçamento" por parte de grupos contrários ao regime instalado no País a partir de 1964;
- 4) já tentaram que eu me atirasse sob as rodas de um ônibus (no período em que estive encarcerada);
- 5) não pretendo fugir.

Encaminhei a diversas pessoas um longo e circunstanciado depoimento sobre os dias de meu cativeiro, narrando fatos ocorridos na casa onde fiquei presa (torturas e mortes de diversas pessoas) e casos que me contaram e onde identifico alguns de meus carcereiros.

Se eu morrer, essas pessoas divulgarão o documento no País (se a censura deixar) e no exterior, para que um dia se esclareçam fatos obscuros e se registre na história do Brasil os nomes e as patentes dos torturadores que se escondem sob a proteção do Governo.

Se eu morrer, peço-lhe que requeira nova autópsia, pois podem falsear a "causa mortis" e a data de meu falecimento.

Se eu morrer, quero que todas as circunstâncias de minha morte sejam esclarecidas, ainda que demande tempo, trabalho e sacrifício, menos em minha memória, mais em nome da honra do País em que nasci, muito pela decência de minha Pátria e de meus compatriotas.

Quero manifestar, ainda, a minha vontade de ser sepultada em Belo Horizonte e que seja assegurado à minha família o direito de me proporcionar o recebimento dos sacramentos religiosos.

Belo Horizonte, 3 de outubro de 1971

Inês Etienne Romeu

Inês Etienne Romeu